

O humor de
Xicotinho & Salto
Alto está de volta

PÁGINA 5



Morre, aos 87, a
escritora Marina
Colasanti

PÁGINA 7



Helô Castro expõe
suas telas na
Fábrica Bhering

PÁGINA 8



2º CADERNO

Trem (bão) de Minas



Divulgação

Divulgação

Na reta final de sua programação, a Mostra de Tiradentes consolida a produção audiovisual das gerações como uma das mais plurais do Brasil



'Girassol Vermelho (acima) e 'Princesa Macula e o Canto Triste', de Mayara Mascarenhas são duas das produções mineiras da Mostra deste ano

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Responsável pela abertura do circuito brasileiro de festivais de cinema, ocorrendo sempre no mês de janeiro, a Mostra de Tiradentes, hoje em curso nas Gerais, em sua 28ª edição, foi um dos vetores (de

excelência) essenciais para consolidação do novíssimo cinema mineiro, que gerou cults como "Marte Um", "Temporada" e "O Dia Que Te Conheci". A produção audiovisual daquele estado – hoje uma das mais fortes e plurais do Brasil, indo muito além de sua capital, Belo Horizonte – revelou este ano produções como "Princesa Macula e o Canto Triste", de Mayara Masca-

renhas; "Dance Aqui", de Cleo Magalhães; "Você Lembra", de Victória Moraes, e "Tita: 100 Anos De Luta E Fé", de Danilo Candombe.

Antenado com a prata da casa, o evento projeta nesta quarta, em sua seção Olhos Livres, uma produção com um pé em MG e outro SP: "Deuses da Peste", de Gabriela Luíza e Tiago Mata Machado. Em sua trama,

ambientada num antigo casarão em ruínas, um velho ator shakespeariano exilado dos palcos vive com seus fantasmas. Em seu leito, cercado de cortinas vermelhas retiradas de um teatro abandonado, ele sonha com fogo se alastrando por todo o país.

"A Mostra de Cinema de Tiradentes, ao longo dos seus 28 anos de existência, desempenhou um papel transformador

na cena audiovisual mineira tanto no ponto de vista de colaborar com a construção de políticas públicas, quanto na formação de uma nova geração de cineastas, como também incentivou, testemunhou e sediou o lançamento de produções mineiras que ganharam as telas do mundo", explica Raquel Hallak, diretora da Universo Produção e coordenadora geral do festival, em entrevista ao Correio da Manhã. "A Mostra ajudou a fortalecer uma identidade cinematográfica em Minas, possibilitando que cineastas mineiros (muitos deles independentes) tivessem seus filmes exibidos e discutidos em um espaço relevante de projeção nacional e internacional. Isso também contribuiu para o aumento do reconhecimento de Minas Gerais como um polo de produção audiovisual, desafiando a centralização do cinema nas capitais do eixo Rio-São Paulo, bem como favoreceu os mineiros expandirem suas referências culturais e estéticas".

Continua na página seguinte

Leo Lara/Universo Produção



28ª MOSTRA DE CINEMA DE TIRADENTES

Raquel Hallak apresenta uma das sessões da praça do festival mineiro, criado em 1998

Mostra revelou a cidade ao Brasil

Divulgação



Margeado

No fim dos anos 1990, a Mostra foi o evento precursor da descoberta da vocação turística da cidade de Tiradentes. “Foi o evento que projetou a cidade no Brasil e no exterior, atraiu investimento e transformou a cidade em uma das mais visitadas do Brasil”, explica Raquel. “Em 1998, quando começa a primeira edição do evento, a cidade disponha de 450 leitos, hoje tem mais de 5 mil, mais de 250 estabelecimentos comerciais. Além de movimentar a economia da cidade, da região, de Minas e do Brasil, a Mostra tornou-se referência no circuito de festivais nacionais e na cidade impulsionou outras ini-



Nem Deus é tão Justo quanto seus Jeans

Divulgação



Um Minuto É Uma Eternidade Para Quem Está Sofrendo

ciativas”.

Na abertura de seus trabalhos deste janeiro, Tiradentes prestou uma homenagem à atriz Bruna Linzmeyer e projetou um longa

dirigido por seu maior videoartista (aliás, um papa da videoarte no mundo todo), Eder Santos: “Girasol Vermelho”. Chico Diaz estrela o filme, codirigido por Thiago Villas

Divulgação



Divulgação



Cartografia das Ondas

Boas. A trama é inspirada pela prosa de Murilo Rubião (1916-1991), egresso de Carmo de Minas. A trama narra a jornada de Romeu, um homem que deixa seu passado,

numa busca pela liberdade.

Desde 2008, Tiradentes consagrou uma competição oficial chamada de Aurora. Seu certame de 2025 reúne “Margeado” (ES), de Diego Zon; “Um Minuto é uma Eternidade para Quem está Sofrendo” (SE), de Fábio Rogério e Wesley Pereira de Castro; “Nem Deus é tão Justo quanto seus Jeans” (SP), de Sergio Silva; “Cartografia das Ondas” (RJ), de Heloisa Machado; “Resumo da Ópera” (CE), de Honório Félix e Breno de Lacerda; e “Kickflip” (SP), de Lucca Filippin, que será exibido nesta quarta, em concurso.

Em sessões paralelas, Tiradentes exhibe, nesta quinta, em sua programação na praça, o filme ganhador do troféu Redentor de Melhor Documentário do Festival do Rio 2024: “3 Obás de Xangó”, de Sergio Machado. A produção retrata a amizade entre três orixás das artes na Bahia: o compositor Dorival Caymmi (1914-2008), o artista plástico Carybé (1911-1997) e escritor Jorge Amado (1912-2001). A narrativa reafirma o solo baiano como território abençoado por ancestralidades africanas, resgatando vivências do realizador de “O Rio do Desejo” (2022) com sua meninice.

No sábado, antes de revelar os filmes ganhadores, Tiradentes encerra as projeções ao ar livre com a exibição de “Kasa Branca”, que rendeu a Luciano Vidigal o troféu de Melhor Direção na Première Brasil. A vertente histórica do naturalismo, que vem lá da prosa literária, com “O Cortiço”, é usada por Vidigal nesse longa ambientado na Chatuba, em Mesquita, sob uma perspectiva solidária (e não catastrofista), a fim de ilustrar a vida de três jovens amigos num cotidiano de reeducação afetiva. Dé (Big Jaum), Adrianim (Diego Francisco) e Martins (Ramon Francisco, hilário) nunca soltam a mão um do outro. O trio vive os perrengues de uma cidade que isolou bairros e municípios distantes do mar, padecendo de um serviço de saúde deficitário na rede hospitalar pública. Apesar das dificuldades, aquela galera não esmorece. No Rio, esse drama sobre alianças e delicadezas entra em cartaz na quinta.

ENTREVISTA / DESCRIÇÃO

'A arte pode mudar o mundo'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Até domingo, a Caixa Cultural posiciona sua tela na fronteira simbólica entre a Alemanha e a Turquia num perímetro geopolítico estruturado pelo cineasta Fatih Akin em sucessos de público e crítica como “Em Pedacos” (“Aus dem Nichts”, 2017), com o qual conquistou o Globo de Ouro de Melhor Filme em Língua Não Inglesa. Um prêmio de Melhor Interpretação em Cannes coroou a atuação de Diane Kruger nessa doída produção, que o Centro do Rio confere nesta quinta-feira, às 17h25. Antes, às 15h, rola a exibição de “Solino”, rodado pelo diretor teuto-turco em 2002. Diane é a estrela de seu novo projeto, “Amrum”, uma aventura insular ambientada em 1945, já filmada e em pós-produção.

“Estou escrevendo outros dois roteiros em paralelo, incluindo uma história sobre o Império Otomano”, adiantou Akin ao Correio da Manhã, numa entrevista em seu escritório, em Hamburgo, onde nasceu, há 51 anos.

Em 1998, depois de uma breve trajetória como ator, iniciada em 1994, ele se dedicou à direção de longas-metragens, começando com “Rápido e Indolor” (“Kurz und Schmerzlos”), que lhe rendeu o Leopardo de Bronze no Festival de Locarno. A retrospectiva de sua obra na Caixa, organizada sob a curadoria de Nina Tedesco e Hans Spelzon, inclui esse seu cult de estreia, com sessão esta noite, às 18h10. Seu cardápio avança até o mais recente exercício autoral do diretor, “Rheingold: O Roubo do Sucesso” (2022), que vendeu 1 milhão de ingressos em solo alemão semanas após seu lançamento. Tem projeção dele nesta quarta, à tarde, às 15h30. Nesta sexta, às 17h10, o evento abre espaço para o drama “Do Outro Lado” (“Auf der anderen Seite”), um tratado sobre intolerâncias culturais que valeu a Fatih o prêmio de Melhor Roteiro em Cannes, em 2007. Já no sábado, às 17h50, rola projeção da obra-prima do realizador, “Contra a Parede” (“Head-on”,



Gerhard Kassner/Berlinale

2004), coroada com o Urso de Ouro da Berlinale. É um tempestuoso retrato do benquerer com Sibel Kekilli e Birol Ünel em estado de graça no elenco.

No dia 2, a mostra chega a seu desfecho pelas veredas da não ficção, exibindo dois docs de Akin: “Poluindo o Paraíso” (“Müll im Garten Eden”, 2012), às 14h20, e “Atravessando a Ponte - O Som de Istambul” (“Crossing the Bridge”, 2005). Na conversa a seguir, ele revista esses e outros hits de sua filmografia e fala de artesões autorais do cinema brasileiro que admira.

Que Alemanha você encontrou quando foi dirigir seus primeiros filmes, já imbuído da riqueza cultural da Turquia de seus familiares?

Fatih Akin - Quando eu fui rodar “O Bar Luva Dourada” (thriller sobre um psicopata da década de 1970, indicado ao Urso de Ouro de 2019), eu fui estudar os expressionistas alemães e analisar um diretor de outra nacionalidade cuja obra inicial cai num registro similar ao deles, o inglês Alfred Hitchcock. Os primeiros filmes dele, silenciosos, nos anos 1920, foram rodados na Alemanha. Por lá, nos anos 1970, nós tivemos um Cinema Novo que foi muito importante para mim, em minha formação, com Werner Herzog, Margarethe von Trotta, Alexander Kluge, Wim Wenders e, sobretudo, (Rainer Werner) Fassbinder. Hoje, eu vejo diretoras alemãs como Julia von Heinz, Maren Ade e Valeska Grisebach fazerem um cinema que surpreende.

No encerramento de sua retrospectiva, a Caixa Cultural exhibe “Atravessando a Ponte - O Som de Istambul”, um documentário de imersão na cena musical turca dos anos 2000. Como a música é fundamental no seu cinema?

Música é o que me inspira, em especial por ela trabalhar com a noção estética do silêncio em intervalos que a pontuam para assegurar um impacto emocional. O que eu aprendi da vida na Turquia, quando garoto, veio de histórias melodramáticas, com trilha sonora marcante, que via em VHS. Na juventude, eu via Bruce Lee com um primo meu, num projetor de super-8, e ficava surpreso de ver sequências de luta sem música nas quais os golpes dele modulavam o silêncio.

A partir de “Contra a Parede”, vencedor do Festival de Berlim de 2004, esse seu interesse por expressões silenciosas passou a dar lugar a expressões caudalosas de melodrama. De que maneira o gênero te permitiu falar de amor?

Eu falo, antes tudo, das minhas origens culturais e da minha terra natal, numa junção entre a tradição cinematográfica alemã que reside em mim e as influências turcas. Acredito que a arte pode mudar o mundo e, por isso, eu faço um cinema pessoal que, nesse filme de 2004, trazia um jorro de jovialidade furioso e doído, com a influência de o diretor francês Leos Carax e seu “Os Amantes de Pont-Neuf” e algo de “Betty Blue”. Era um filme que fiz antes da experiência da paternidade. Hoje, como pai, uma das minhas tarefas é alfabetizar o olhar dos meus filhos e, nessa função, outro dia exibi para eles “Diários de Motocicleta”, de Walter Salles, a quem eu respeito muito. Queria que as crianças conhecessem o jovem Che Guevara através do filme dele.

Em 2007, você e Salles estiveram juntos em Cannes, quando o Festival sediou a criação da World Cinema Foundation de Martin Scorsese. O que conhece do cinema do diretor de “Ainda Estou Aqui” e de filmes brasileiros em geral?

Gosto de Walter bem antes dessa agitação de Oscar em torno de “Ainda Estou Aqui”, quando ele lançou “Central do Brasil”, que teve um impacto grande em mim. Gosto muito do episódio dele (e de Daniela Thomas) em “Paris, Te Amo”, pois gosto de como ele enquadra cidades. Sobre o cinema brasileiro em geral, eu tive influência também de Hector Babenco, de quem fui colega num júri na Berlinale de 2001.

CRÍTICA / FILME / AMEAÇA NO AR

Divulgação

Por **Marcelo Miranda**
(Folhapress)

No tempo das locadoras de filmes, para suprir as prateleiras e ter sempre alguma novidade à disposição dos clientes, muitas produtoras realizavam o que se convencionou chamar de DTV, sigla para “direct-to-video”. Eram longas-metragens de orçamentos bem mais modestos que os blockbusters de Hollywood, geralmente com astros de segunda ou terceira linha e quase sempre nos gêneros de ação, suspense ou terror. Os DTVs formaram gerações e hoje têm sua extensão nos chamados VOD, “video on demand”, que incluem produções originais das plataformas de streaming.

Fosse nos anos 1990, “Ameaça no Ar” possivelmente seria um DTV, ou no mínimo considerado para encorpar as locadoras. A volta de Mel Gibson à direção quase dez anos depois do sucesso de “Até o Último Homem”, que inclusive o colocou na disputa pelo Oscar de melhor filme duas décadas após dele se sagrar o grande vencedor por “Coração Valente”, surge como o trabalho menos ambicioso e mais inofensivo na trajetória do astro atrás das câmeras.

Em seu sexto longa-metragem e depois de tratar de um homem deformado suspeito de pedofilia, da independência da Escócia, da crucificação de Jesus Cristo, da civilização maia e de um médico do Exército dos EUA na Segunda Guerra, Gibson escolhe narrar a simples e direta história de um avião de pequeno porte sequestrado por um mercenário com o intuito de matar a testemunha-chave que pode colocar na cadeia um poderoso chefe do crime organizado.

Contido em apenas três personagens dentro do avião, “Ameaça no Ar” inclui outras presenças através da interação da agente federal vivida por Michelle Dockery com o radiocomu-



A ação desenvolvida no interior de um avião com três personagens ameaça entregar algo maior no desenlace da trama, algo que não chega a acontecer nesta produção pouco ambiciosa que marca a volta de Mel Gibson à direção

Um filme de ação simplório

nicador, mas o grosso da tensão fica mesmo entre ela, o matador grosseiro e ninfomaníaco interpretado por Mark Wahlberg e o contador engraçadinho e tagarela de Topher Grace.

É um filme de ação bastante simplório, com algum senso de humor inserido nos diálogos do roteiro de Jared Rosenberg. Há a tentativa de crítica à corrupção nas grandes esferas do poder que tanto fazem a cabeça dos teóricos da conspiração, mas isso não é exatamente aprofundado para além das revelações do enredo sobre quem é honesto e desonesto.

O que mais interessa na abordagem de Gibson é de fato o exercício formal da movimentação e tensionamento, mantendo o filme inteiro no interior do avião, num ritmo frenético que nunca deixa a atenção se dispersar. Ao mesmo tempo, e para além da competência formal, “Ameaça no Ar” parece o tempo todo ensaiar algo maior do que realmente entrega - o que nem é uma responsabilidade assumida pelo filme.

Passam-se 90 minutos à espera de algo que desligue o piloto automático das cenas e isso só

acontece dentro da trama, quando a agente federal eventualmente é obrigada a assumir o manche da aeronave. Do lado de cá, assiste-se a “Ameaça no Ar” com algum prazer, aquele mesmo que se tinha nos filmes DTV, o que significa também a sensação de que a experiência será apenas a daquela duração.

Nada necessariamente ruim nisso: na prática, filmes efêmeros podem formar caráter e gosto. Mas, em se tratando de uma figura como Mel Gibson, é de estranhar o impulso e interesse dele em voltar à direção num projeto

com tanto cheiro de desimportância.

Que o filme tenha tido a estreia adiada de outubro de 2024 para janeiro de 2025 e seja lançado justamente na semana da posse de Donald Trump e dias depois do próprio Gibson ser alçado a “embaixador de Hollywood” pelo atual presidente não soa exatamente coincidência.

Se “Ameaça no Ar” tivesse algum outro tipo de impacto ou relevância, até poderia fazer sentido, mas nunca um DTV quis ser mais do que sua própria existência numa prateleira empoeirada. Talvez seja o caso aqui, ao menos enquanto Gibson se prepara para retornar à Bíblia nas duas seqüências prometidas de “A Paixão de Cristo” nos próximos anos.

Xicotinho & Salto Alto estãõ de volta!

Irreverência da dupla que satiriza o universo sertanejo chega ao Manouche nesta quarta e quinta-feira

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

Xicotinho & Salto Alto, a dupla cult-sertaneja formada por Stella Miranda e Kátia Bronstein, volta à baila 30 anos após agitar a cena cultural dos anos 1990 e mostra todo o humor e ousadia no Manouche nesta quarta e quinta-feiras (29 e 30). O espetáculo foi uma criação das atrizes e cantoras que formaram uma dupla sertaneja com uma abordagem humorística e sofisticada.

A ideia surgiu após Stella, devido a uma série de eventos inesperados, encontrar-se num rodeio. Isso a levou a uma pesquisa profunda sobre as raízes da música sertaneja, resultando na formação da dupla.

A performance estreou em 1992 no Teatro Hilton, em São Paulo, sob a direção artística de Gringo Cardia. O cenário era ambientado como uma borracharia, e o espetáculo incluía coreografias e figurinos sensuais. A dupla interpretava músicas que falavam de amor e temas rurais, abrangendo composições de artistas como Herbert Vianna, Marisa Monte e Titãs. O show foi descrito como “Caipira



Priscila Prade/Divulgação

Stella Miranda e Kátia Bronstein, atrizes e cantoras, retomam o duo Xicotinho & Salto Alto, uma sátira sofisticada sobre o universo sertanejo

Chic”, “Dupla Sertaneja Light” e “Rock Rural”, destacando-se pela mistura de elementos tradicionais sertanejos com uma estética urbana e contemporânea.

Uma das faixas de destaque do álbum lançado em 1992 pela RGE foi “Doida”, uma versão adaptada por Stella Miranda da música “Você é Doida Demais”, sucesso de Lindomar Castilho. O disco também apresentava composições de Tim Rescala, Marisa Monte, membros dos Titãs e Herbert Vianna, explorando os gêneros brega e sertanejo com uma abordagem inovadora.

No espetáculo “Xicotinho e Salto Alto”, Stella e Kátia “Flores”, dos Titãs. Essa canção, originalmente lançada no álbum “Ó Blésq Blom” (1989) foi adaptada no contexto do show, mantendo

sua essência enquanto dialogava com o universo sertanejo e brega que o espetáculo explorava. Ganhou assim uma interpretação com um toque de humor, sensualidade e teatralidade, características marcantes do duo. O arranjo sertanejo ajudava a transportar a canção para o cenário de borracharia e “rock rural” que permeava a apresentação.

A dupla vai mostrar que o sucesso das super-heroínas do country nos anos 90, foi só um aperitivo. Depois de lançarem um álbum em 1992, com o sucesso “Doida” (Lindomar Castilho), que foi trilha da série “Os Normais” da TV Globo, a dupla foi imortalizada na cena cult dos anos 1990, mas, envolvidas e vários outros projetos, deu uma parada.

A irreverência de Xicotinho

& Salto Alto hoje tem hoje um novo e surpreendente sentido, transformando o sertanejo com humor e ousadia, numa sofisticada salada pop. Agora, renovadas, elas estão de volta para comprovar que quem já foi rainha, nunca perde a majestade e dessa vez com uma banda de tirar o fôlego: Kassim (baixo), Charles Gavin (bateria), Fabrizio Iório (teclados) e pelo guitarrista Rick Ferreira, que por aos foi o braço direito de Raul Seixas.

A esses amigos juntaram-se também outro parceiro antigo da dupla: o cenógrafo e programador visual Gringo Cardia, em cujo estúdio foram feitas as novas fotos. Gringo trouxe também a Shannon SKarlet, drag que assina os looks de Xicotinho e Salto Alto.

O repertório do show tem como base as faixas do LP original e, por conta da entrada do Rick, incluíram uma música de Raul Seixas, duas versões do Tom Waits, uma delas assinada por Stella em parceria com o Ferreira Gullar e, sempre de olho na atualidade, não podiam faltar João Gomes nem Almir Sater.

SERVIÇO

XICOTINHO & SALTO ALTO

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983, - subsolo da Casa Camolese)
29 e 30/1, às 21h
Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia e ingresso solidário, levando um quilo de alimento não perecível ou livro para doação ao Retiro dos Artistas)

Ludmilla em nova collab internacional

Brasileira é parceira de Asaka em faixa de 'Lungu Boy', o novo disco do artista nigeriano

Indicado ao Grammy de Melhor Música Africana, o astro nigeriano de afrobeats Asake lança o clipe para "Whine", parceria com Ludmilla e um dos destaques do álbum "Lungu Boy". Dirigido por Rafael Carmo e Walter Banks, o vídeo cria uma ponte entre a África e Brasil e teve imagens registradas com os dois artistas em praias, favelas e subúrbios cariocas. Durante a passagem pelo país, o artista subiu ao palco num show da turnê "Numanice", de Ludmilla.

"Whine" foi produzida por Sak Pase e é uma mistura de pop brasileiro contemporâneo e funk, com um beat sampleado de Mary J. Blige. A faixa também ganhou um dance video recente, registrado em Salvador. O ví-

deo, coreografado por Bibiu, que trabalha com Ludmilla, e dirigido por Edvaldo Raw, passa por pontos da capital baiana como Aeroporto de Salvador, Feira de São Joaquim, Praia Secreta de Ondina, Escadaria do Passo, Rua do Reggae, Santo Antonio e Casa Cultural Reggae.

A ligação com o afrobeats mostra mais uma faceta de Ludmilla, a primeira cantora negra da América Latina a alcançar 1 bilhão de streams no Spotify. Com mais de 7 bilhões de streams acumulados em sua carreira, ela ocupa o 6º lugar no ranking global das mulheres pretas mais ouvidas, ao lado de ícones como Beyoncé, Rihanna e Nicki Minaj. Ludmilla também fez história ao se tornar a primeira artista afro-latina a se apresentar no palco principal do Coachella, um dos maiores festivais do mundo.

Graduado em Artes, Asake começou a carreira como dançarino, antes de se destacar pela presença de palco única e o estilo Afro-Fusion. Em 2020, ele ganhou notoriedade



Divulgação

Asake e Ludmilla nos bastidores da gravação do clipe de 'Whine'

com o freestyle "Lady", que se tornou viral. Lungu Boy é seu terceiro álbum, atingiu o topo das paradas em 19 países e consolida uma carreira que já conta com mais de 9 mi-

lhões de ouvintes e 900 milhões de streams nas plataformas; além de colaborações com grandes nomes do afrobeats, como Fireboy DML, Broda Shaggi, Peruzzi e Zlatan.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Antecipando o EP

"Yellow Roses" é mais uma amostra que o cantautor baiano Alex Pucci oferece para a degustação do seu EP de estreia, "For You Vol.1", previsto para meados de março. Este novo trabalho é uma balada folk acústica, composta ainda na adolescência do artista. A leveza do violão e a doçura das palavras de Pucci se alimentam da suavidade das cordas e do teclado, arranjadas por Ana Monterry. A produção tem a assinatura do produtor musical Luiz Müllem. Pucci vem mostrando sua verve e o que se pode esperar em seu EP.

Paulo Coelho/Divulgação



Divulgação

Gringo na boiada

Comemorando os mais de 30 anos de amizade com Almir Sater, o cantor, compositor, produtor e multi-instrumentista norte americano Eric Silver lança versão em inglês da canção "Boiada". A versão original foi gravada em 1988 junto com Almir, em Nashville, no estado americano do Tennessee. Depois de mais de três décadas de trabalho no Brasil, Eric convidou pessoas especiais para participarem da gravação e do vídeo. Entre elas, Renato Teixeira, parceira de Sater em "Boiada" e o baixista Lee Sklar, que tocou com James Taylor, Phil Collins e Tracy Chapman.



Divulgação

Em nome do desapego

A banda Nuna inicia os trabalhos em 2025 com um grito de autossuficiência e desapego com o single "Faz um Favor". Escrita pelos integrantes da banda e produzida pelo renomado Tadeu Patolla (Charlie Brown Jr., NX Zero, Pitty), é um desabafo visceral sobre o fim de uma relação tóxica e o processo de libertação emocional. Com versos diretos e cheios de atitude, o eu lírico expressa o alívio de se livrar de alguém que apenas trouxe complicações, mentiras e desgastes. Para a vocalista Manu Fair, a falta de empatia e a busca egoísta de uma das partes geram frustração no outro.

Morre, aos 87 anos, a escritora Marina Colasanti

Alessandra Colasanti/Divulgação

Poeta, contista e tradutora, autora se notabilizou criando histórias infantis

Por **Bruno Molina** (Folhapress)

Marina Colasanti não é só autora de poemas, narrativas curtas, contos de fadas, crônicas, histórias infantis, traduções, ensaios e reportagens. Seus livros para crianças e adultos são feitos da mesma matéria dos clássicos - deles, transbordam desejos, ódios, manias, paixões, medos e ambiguidades. Neles, está escrita a alma humana. Nesta terça-feira (28), sua obra ficou completa. Uma das escritoras brasileiras mais premiadas e nome respeitado mundialmente quando o assunto é literatura infantojuvenil, ela morreu aos 87 anos, em sua casa, no Rio.

Filha de italianos, Marina Colasanti nasceu em 1937, na África, mais especificamente em Asmara, capital da Eritreia. Seu pai, Manfredo Colasanti, trabalhava para a Confederação das Indústrias, órgão controlado pelo governo fascista, e tinha atuado nas guerras coloniais da região, dominada por Roma desde o século 19. Depois, mudaram-se para Trípoli, na Líbia. Até que a Segunda Guerra levou a família de volta à Itália.

O avanço dos conflitos obrigava os Colasanti a se deslocar constantemente. Sem muitos amigos nem brinquedos, quando ainda era pequena, Marina ganhou dos pais uma coleção de livros. Nas palavras da escritora, aquilo foi um Cavalo de Troia.

Recém-alfabetizada, logo devorou “Pinóquio”, contos dos irmãos Grimm e adaptações de obras como “Dom Quixote”, “Os Três Mosqueteiros” e “Odisseia”. Leu também sobre as viagens de Marco Polo e narrativas repletas de sereias, ilhas perdidas, cavaleiros, gigantes, demônios e mitologias do mundo todo. Histórias que nunca mais saíram de sua cabeça. E que viajaram com ela até o Brasil, em mais uma das mudanças da família, dessa vez em 1948, devido ao colapso da Europa e da derrota de Mussolini.

No Rio de Janeiro, morou na mansão de



Marina Colasanti colocou a mulher no centro de sua escrita, mas sem cair nas armadilhas da militância e do proselitismo

sua tia-avó, a cantora lírica Gabriella Besanzoni, que era casada com o magnata Henrique Lage. Ali, onde atualmente é o parque Lage, viveu com o irmão, Arduíno, que mais tarde seria um dos precursores da prática do surfe no Brasil. Nessa época, Marina começou a estudar pintura, a frequentar a Escola Nacional de Belas Artes e a se especializar em gravura - atividade que nunca abandonou, tornando-se ilustradora de muitos de seus próprios livros.

Mas o caldo cultural e a mistura geopolítica, literária e artística acabaram se desviando das artes plásticas para desembocar no jornalismo. Rapidamente, tornou-se redatora, editora e cronista do Jornal do Brasil. Foi um pulo até a estreia literária, com “Eu Sozinha”, em 1968.

Pioneirismo

Ao olhar a sua produção em perspectiva, é fácil hoje perceber que “Eu Sozinha” marca o início de um longo e pioneiro projeto literário feminista, numa época em que o feminismo ainda começava a ganhar contornos pelo mundo. Amiga de nomes como Clarice Lispector e Né-

lida Piñon, ela pôs a mulher no centro da escrita, mas sem cair nas armadilhas da militância, do proselitismo e da redução didática.

Mas talvez a parte mais revolucionária de sua obra seja também a mais conhecida aquela para crianças e jovens. Para isso, é preciso voltar ao jornalismo. Marina trabalhou em diversas publicações, como Manchete, Jornal dos Sports, Senhor, Claudia e Nova. Mas foi no Jornal do Brasil onde editou um suplemento fundamental: o caderno infantil.

Esse contato com a infância incentivou um mergulho no oceano caudaloso e infindável dos contos de fadas e fez com que ela relembresse aqueles livros de quando era criança. Marina chacoalhou a literatura infantojuvenil brasileira ao virar as costas para os recontos açucarados e comerciais de Walt Disney e olhar com atenção os originais de autores como irmãos Grimm, La Fontaine, Perrault e outros. A partir dessa fonte e de mais narrativas clássicas, passou a escrever histórias novas. Foi assim que, em 1979, publicou “Uma Ideia Toda Azul”, que rapidamente virou um marco.

Os dez contos falam de reis, rainhas, prin-

cesas, príncipes e criaturas como unicórnios, gnomos e fadas, que desfilam por bosques, castelos e reinos. Se, por um lado, eles aproximam a criança brasileira dessa geografia fantástica e ancestral, por outro fogem das morais didáticas e educativas que se multiplicam até hoje para essa faixa etária. Para Marina, um texto para crianças não precisa ensinar nada. Foi essa ideia, aliada a um profundo respeito pela inteligência da criança, que nortearam os seus livros. Além de “Uma Ideia Toda Azul”, destacam-se “Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento” (1982), “Entre a Espada e a Rosa” (1992), “Ana Z, Aonde Vai Você?” (1993), “A Moça Tecelã” (2004), “Classificados e nem Tanto” (2010), entre outros.

É isso também o que ajuda a explicar as dezenas de prêmios. Foram mais de 20 troféus da FNLIJ, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, e quase uma dezena de Jabutis - entre eles, o de melhor lançamento de ficção de 2014, com o infantojuvenil “Breve História de um Pequeno Amor”, no qual narra a sua relação com um filhote de pombo. Em 2023, recebeu o prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra.

Reconhecida internacionalmente, venceu o Concurso Latinoamericano de Cuentos para Niños, da Unicef, o Prêmio Norma de Literatura Infantil e Juvenil, o Prêmio Iberoamericano SM e ficou em terceiro lugar no Portugal Telecom de 2011, que hoje é chamado de Prêmio Oceanos. Foi também finalista do Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da literatura para esse público.

Ao lado de nomes como Ana Maria Machado e Lygia Bojunga, Marina Colasanti foi um dos rostos do livro infantil brasileiro e referência da produção nacional fora do país. Essa universalidade sofreu alguns baques pessoais, principalmente a partir de 2020. A pandemia de Covid-19, o agravamento do quadro de Alzheimer de seu marido, o também escritor Affonso Romano de Sant’Anna, e a morte precoce de uma das filhas tornaram a escritora mais reclusa.

Marina Colasanti deixa a filha, Alessandra, e o neto, Nuno, além de sobrinhos. Também ficam órfãos uma legião de cavaleiros, reis, rainhas, bruxos e leitores do mundo inteiro, que sentirão falta de sua literatura contundente, fervilhante e sempre elegante.



As cores e formas de Helô Castor

Autodidata, a artista plástica apresenta seus trabalhos mais recentes na Galeria Dobra

A Galeria Dobra abre sua temporada de 2025 com a exposição de pinturas de Helô Castor, que apresenta suas produções recentes - obras repletas de cores e formas, baseados na paixão pela plasticidade. O trabalho da artista em acrílico sobre tela apresenta linhas dramáticas e foco nas emoções, encantando o observador com cores fortes.

A abertura será neste sábado (1º), a partir das 14h, no 2º andar da Fábrica Bhering, em paralelo ao primeiro Circuito Interno Bhering do ano, que mistura arte, música e gastronomia em um espaço cultural histórico. A mostra pode ser visitada até o dia 15.

Mineira, residente no Rio de Janeiro



Helô Castor começou pintando porcelanas até migrar para a técnica do acrílico sobre tela

há mais de 30 anos, Heloisa tem formação em Administração de Empresas e é decoradora e artista plástica. Após passar grande parte da sua vida administrando



bi minha paixão pela plasticidade e cores na composição dos cenários da loja. Nasceu, assim, uma artista plástica autodidata”, conta.

Apaixonada por cores e formas, Helô começou pintando porcelanas. Participou do 25º Circuito das Artes do Jardim Botânico em 2023. Suas porcelanas pintadas à mão acabavam, impreterivelmente, fazendo parte da composição de projetos de decoração nas paredes. A partir desse momento passou para o projeto de pintura em aquarela e, mais adiante, pintura acrílica e óleo sobre tela.

SERVIÇO

HELÔ CASTOR

Galeria Dobra (Rua Orestes, 28 - Santo Cristo, RJ, 2º andar - Fábrica Bhering)

De 1 a 12/2, de quarta a sexta (13h às 18hO e sábados (10h às 18h)

Entrada franca

empresas, foi proprietária da Loja de Decoração Scenarium, em Ipanema, entre 2016 e 2020.

“Trabalhando com decoração, perce-